



# BOLETIM

N.º 126

DEZEMBRO DE 1989

11.º AN

# BOLETIM DA C. P.

REVISTA ANUAL

na Associação Amiga da Criança, 504 Rua do Ouvidor, 26, Rio de Janeiro  
SECRETARIA ADMINISTRATIVA DO PARNÁ

## Problemas recreativos

### CONCERTECINHA

Concerte a seguinte concertina com os números que faltam no seu teclado.

1. Nota sobre as placas: solfège de primeira e segunda linhas.

1.ª linha	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
2.ª linha	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
3.ª linha	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
4.ª linha	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
5.ª linha	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
6.ª linha	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72
7.ª linha	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84
8.ª linha	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96
9.ª linha	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108
10.ª linha	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120
11.ª linha	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132
12.ª linha	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144
13.ª linha	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156
14.ª linha	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168
15.ª linha	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180
16.ª linha	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192
17.ª linha	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204
18.ª linha	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216
19.ª linha	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228
20.ª linha	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240
21.ª linha	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252
22.ª linha	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264
23.ª linha	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276
24.ª linha	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288
25.ª linha	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300

1. Nota sobre as placas: solfège de primeira e segunda linhas.  
2.ª Nota sobre as placas: solfège de primeira e segunda linhas.

### Resolução do n.º 104

#### QUADRO DE DESTAQUE

Alfabeto I com Solfejos 1

#### QUADRO DE HONRA — POPULARIZAN

Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional, Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

#### QUADRO DE HONRA

Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional, Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional, Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional, Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

#### Alfabeto:

1. — Alfabeto; 2. — Alfabeto; 3. — Alfabeto; 4. — Alfabeto; 5. — Alfabeto; 6. — Alfabeto; 7. — Alfabeto; 8. — Alfabeto; 9. — Alfabeto; 10. — Alfabeto; 11. — Alfabeto; 12. — Alfabeto; 13. — Alfabeto; 14. — Alfabeto; 15. — Alfabeto; 16. — Alfabeto; 17. — Alfabeto; 18. — Alfabeto; 19. — Alfabeto; 20. — Alfabeto; 21. — Alfabeto; 22. — Alfabeto; 23. — Alfabeto; 24. — Alfabeto.

#### Solfejo:

1. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 2. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 3. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 4. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 5. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 6. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 7. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 8. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 9. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 10. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 11. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 12. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 13. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 14. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 15. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 16. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 17. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 18. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 19. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 20. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 21. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 22. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 23. — Solfejo de primeira e segunda linhas; 24. — Solfejo de primeira e segunda linhas.

Alfabeto

### 1. — Alfabeto I com Solfejos 1

Alfabeto

2. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional, Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

3. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional, Alfabeto, Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

4. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto de primeira e segunda linhas

5. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto de primeira e segunda linhas

6. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto de primeira e segunda linhas

#### Alfabeto

7. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

8. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

9. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

10. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

11. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

12. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto

#### Alfabeto

13. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto de primeira e segunda linhas

14. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto de primeira e segunda linhas

15. — Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24

Alfabeto de primeira e segunda linhas

Alfabeto Inglês, Alfabeto Internacional 24



LEGOO—2 antiga entrada de carros

# BOLETIM DA C.P.



**PREZIDENTE**

o Sr. Dr. António Soares de Sá  
Lisboa

**DIRECCION**

o Sr. Dr. António GOMES da Encarnação  
R. Augusto de Sá, n.º 10, Lisboa

**ADMINISTRACAO**

o Sr. Dr. António de Sá — Lisboa  
o Sr. Dr. António de Sá — Lisboa

Redacção: Rua de S. Paulo, n.º 10, Lisboa

Impressão: Off. de Imp. "A. de Sá", Lisboa

**SUBSCRICAO** : Anual — 200 Escudos. — Os preços estão de transporte. — Semestral — 100 Escudos. — Trimestral — 50 Escudos. — Mensal — 30 Escudos. — Os preços estão de transporte. — Os preços estão de transporte.

*N*esta quadra festiva, infelizmente atenuada pela  
tragédia que lá fora assola lentos lares, o  
Boletim da C. P. renova-se com renovado vigor,  
se possível, de seus antigos e venturosos votos de

## BOAS FESTAS

a todos os seus leitores e suas famílias.

Deseja também ardentemente que o novo  
ano de 1940 a todos traga as maiores felici-  
dades e continue, para nós, a ser assina-  
lado pela Paz, que felicemente tem reinado  
na terra portuguesa.

# Os grandes meios de transporte

Parte de um livro de W. G. Brindley de Física, editado por George E. Matsumoto

(Continuação)

## Aparfeiçoamento das máquinas de vapor

Os aparfeiçoamentos realizados pelas máquinas de vapor<sup>1)</sup>, desde o seu aperfeiçoamento até os tempos atuais, têm sido todos tendentes a aumentar-lhes a capacidade de produzir trabalho sem consumo excessivo de seu combustível e de aumentar sua rendimento, isto é, a quantidade de trabalho e o rendimento.

Um a melhoria de uma máquina, sendo dada pelo quociente do trabalho pelo tempo gasto em o produzir, com tanto maior quanto mais trabalho se obtiver em menos tempo.

Nas máquinas de vapor, em que o trabalho é produzido pelo movimento alternado de um pistão ou pelo movimento de um eixo de uma roda de pás, quando mais rapidamente o trabalho se desloca ou a roda gira, maior será a potência da máquina.

Como movimento, porém, são dirigidos por intermédio do vapor e, por consequência, pelo aumento a potência das máquinas depende não só que aumentem as quantidades de vapor e que aumentem, portanto, a velocidade do produto da câmbria, ou, como frequentemente se diz, a sua potência de expansão.

Nas potências câmbrias, que estão se aumentando cada vez mais potentes, a velocidade de expansão, da qual depende em grande parte a potência de expansão, era considerada apenas pela parte das partes em contato com o líquido segundo do combustível, sendo limitada para a câmbria com uma determinada quantidade de calor que podia se dissipar.

Para obter uma expansão rápida sobre a câmbria de abrigar os gases de combustão e acrescentar um tipo de movimento sobre as pistões ou os eixos de câmbria, obtendo-se desta forma uma expansão de rapidamente e rapidamente aumentando o, por consequência, uma potência de expansão muito maior. A este novo tipo de câmbria deu-se o nome de câmbria isolada, fig. 21.



Fig. 21 - Câmbria isolada

Em certos tipos de câmbria, como, por exemplo nos locomotivas, quando a câmbria não pode ter uma altura que permita uma conveniente expansão normal, adquire-se a chamada câmbria isolada, que consiste em câmbria para a base da câmbria e vapor que já produzido trabalho na câmbria e que, sendo com grande velocidade, através de abriga os gases de combustão, produzindo portanto uma forte corrente de ar através a grade e, por consequência, uma expansão muito maior e mais completa do combustível.

1) Um exemplo das aparfeiçoamentos das máquinas de vapor, desde o seu aperfeiçoamento até os tempos atuais, tem sido todos tendentes a aumentar-lhes a capacidade de produzir trabalho sem consumo excessivo de seu combustível e de aumentar sua rendimento, isto é, a quantidade de trabalho e o rendimento.

Assemelham-se, desta forma a pressão e a realização da máquina.

Mas há ainda um primeiro momento abstractivo, o vapor expande-se nos seus vasos cônicos, que, como hoje se compreende, não pode ter o comprimento necessário para que a expansão se dêa regularmente.

Desta forma, uma grande parte do energia do vapor dissipava-se com a sua saída para a atmosfera.

Supõe-se então a ideia de abrigar o vapor, já expandido parcialmente, e uma nova expansão em um cilindro de diâmetros variav., abrigando-se assim a chamada máquina de dupla expansão. Esta máquina tem o nome de simplesmente quádruplo e vapor não só direccionalmente da primeira para a segunda cônicas, mas não somente por um movimento alternativo.

Claro está que a expansão do vapor pode produzir-se também, successivamente, em três ou em quatro cônicos, e que se descomponha em provavelmente triplice e quádruplo expansões de máquinas em que se têm duas, três e quatro expansões successivas do vapor, descompondo-se de múltiplas expansões em polidráulica, em contraponto ásquias em que se dá uma volta, e que se descomponha de simples expansões em successivas. A múltipla expansão tornou-se necessária, portanto, o emprego do vapor a alta pressão e por consequência houve que recorrer a realimentação das válvulas ou seja, periodicamente, a expansão das chagas que se conhecem, a pressão-elástica, em qullasmas por ventosas quânticas, que o vapor não deve ultrapassar descompondo-se ainda. Claro está que o cilindro é sempre muito inferior à resistência do cilindro.

Ent, para completar todo o tempo-tem do vapor, que é o mesmo da água, está necessariamente ligada a pressão; e somente desta última implicava pressão e aumento de pressão. Não se julga, porém, que o aumento da temperatura permita obter vapor vivo. Não! O vapor em contacto com a água, por baixo que seja a temperatura, é sempre vapor morto e o maior realimen-

tamento é a realimentação para produzir a sua actualização parcial. Não a passagem do vapor pelas válvulas da água e sua direcção da temperatura e a água que se produz por esse facto tem um papel activo no realimento das máquinas.

Haverá portanto ideia de, uma vez obtido no cilindro o vapor com uma pressão actualizada, realimentar e expandir em qullasmas com a água, e que se tornem possível fazendo passar o vapor para um realimentador onde pode ser aquecido a temperatura que se quiser. A sua realimentação descompondo-se successivamente e ao vapor morto obtido vapor actualizável. Obtem-se desta modo um vapor limpo de realimentação, que pode expandir a realimentação das partes das válvulas em se combinam.

O melhoramento, conjugado com o aumento da pressão no cilindro, foi a descoberta que permitiu tirar o maior partido da múltipla expansão, e sobretudo, portanto, um maior aumento da pressão e simultaneamente do realimento das máquinas de vapor.

**Introdução**

O aumento constante das velocidades veio chamar a attenção para um problema que, há muitos realimentados, estava sendo posto.

Entre os diversos meios que se applicam ao desenvolvimento dos vapores que circulam com grandes velocidades, que se tem de evitar, de evitar-se os de locomotivas, é a realimentação de se que não proporcione-lhe um.

Não basta, portanto, somente a pressão das máquinas para obter velocidades cada vez maiores! Não basta sempre desenvolver mais e mais os cilindros, para realimentar a carga morta e transportar. Há que diminuir também as realimentações que se aplicam aos desenvolvimentos das válvulas!

Não que se possa ser sempre melhorado, por exemplo, essas realimentações são: a saída das rodas sobre o solo ou sobre os carris; os attritos das engrenagens machos de transmissão; a compressão longitudinal da grande roda nos carris e finalmente a realimentação de se.

Rea... enquanto se trata precisamente um qual independentemente da velocidade, a importância de se é aproximadamente proporcional ao seu quadrado e portanto, as grandes velocidades com um valor considerável.

A Fig. 46 representa um esquema simplificado da importância da resistência do ar. Quando um automóvel se põe em movimento, sempre há, entre os pontos, uma certa corrente de... existência de energia, seja nos pontos de inércia e também de «Corrente de Corrente» de uma importância mais considerável.

De todos estes pontos, o mais importante é a resistência do ar, que representa, nos veículos de formas aerodinamicamente arredondadas e as velocidades normais, 30%, aproximadamente, das resistências totais. Nas curvas retas e as importâncias é de 10% até 15% que aumentam consideravelmente quando se trata de velocidades, por consequência.

Aproximadamente sempre, para veículos retos e a importância da resistência do ar, os que



Fig. 46. — Resistência do ar.

Res resistências da potência absorvida e diferentes velocidades por um mesmo automóvel e por outros com formas tão diferentes.

A comparação feita entre dois automóveis de mesmo tipo com características diferentes. Por exemplo, o que a  $g/km/h$ , por exemplo, e quanto potência absorve o  $C.V.$  e o rendimento do mesmo. Um caso a potência absorvida pelas rodas é de  $g/h$ . E um qualquer dos casos, consideramos a velocidade do que a potência absorvida pelo  $C.V.$  para serem a importância de se comparem e a importância absorvem o  $g/h$ . O rendimento do mesmo, por exemplo, porque  $g/h$ , os, para a mesma potência para, com a velocidade aerodinamicamente superior. Nada mais é possível para se considerar as velocidades de absorção com estes importantes de diferenças de velocidades dos veículos modernos.

Comparando-se, por isso, a importância da potência do mesmo tipo para se determinar as diferenças de velocidades das formas aerodinamicamente.

Para os dois, para, de um modo geral, sempre a importância de se, importa consideravelmente a sua lei. Assim de aproximadamente de 10%, a mesma importância sobre esse mesmo um qual sempre. Talvez seja, depois de muitas experiências em laboratório apropriadas, verificamos que a importância de se para um determinado caso com de duas potências e com, a importância específica que é gerada pela ação de se sempre a sua potência superior do corpo em movimento, e



Fig. 47. — Trabalho do motor em função da velocidade para um determinado tipo de automóvel e para outras com formas tão diferentes.



Fig. 37 - Perfil aerodinâmico de um veículo.

velozes, a resistência do ar, que depende apenas da forma do corpo e é devido principalmente ao atrito produzido no interior do veículo e que, naturalmente como veremos, influencia o movimento e produz um bilhete de ar que nada é comparado ainda.



Fig. 38 - Três pontos de ataque do vento em um veículo. O primeiro ponto de ataque produz um bilhete de ar pequeno, o segundo produz um bilhete de ar médio e o terceiro produz um bilhete de ar grande.

Mesmo com objeções de forma tão diferentes, a resistência superficial não ultrapassa, em geral, 12% da resistência total do ar.

Os restantes 88%, são absorvidos pela resistência de forma, mas, em compensação, é possível controlar esta resistência quando a carro se equipar com a forma aerodinâmica perfeita.

Uma forma ideal é a da gota de água que cai, isto é, é de tal natureza alongada-para a parte aerodinâmica valendo ao veículo de movimento.

A fig. 39 mostra as condições que as formas que tal se destinam ao ar em alguns pontos e um veículo. Quando as duas partes de um veículo de forma ideal, os fluxos de ar desviam-se naturalmente para a direção para trás que as formas aerodinâmicas seguem.

Claro está que esta forma ideal não pode ser atingida em todos os veículos mas dela podemos aprender que nada se produz, colisão e atrito, alguns veículos, e nada se que se desviam e a largura que descompõem.

É isso de fluxo que os veículos abrem



Fig. 39 - Perfil aerodinâmico de um veículo.

nao se que nada possa aplicar-se as de forma ideal, os veículos e fluxos de fluxo de aerodinâmica são comparados de resistência de desviam-se de aerodinâmica. Quando os veículos tornarem, a resistência aerodinâmica do perfil que pode consideramos apenas para estes veículos aplicamos sobre de forma ideal, mas, no entanto, os aerodinâmico que para transportar aerodinâmico que para transportar aerodinâmico, e os veículos abrem-se sobre ainda forma forma ideal e não ser certo como a carro

desviam-se para a direita, como, por exemplo, a de John Cooper, fig. 40 que desviam-se para a esquerda de velocidade em aerodinâmico.



Fig. 40 - Perfil aerodinâmico de um veículo.

Quando os veículos abrem-se, os que as formas que se desviam-se para a esquerda de velocidade em aerodinâmico, os aerodinâmico para a direita, em todo, e todos os aerodinâmico melhor para os aerodinâmico, em um sentido que para transportar ainda um novo exemplo, a aerodinâmico por completo, os aerodinâmico, e que se é possível aerodinâmico, são fluxos de aerodinâmico.

Quando os veículos abrem-se, os que as formas que se desviam-se para a esquerda de velocidade em aerodinâmico, os aerodinâmico para a direita, em todo, e todos os aerodinâmico melhor para os aerodinâmico, em um sentido que para transportar ainda um novo exemplo, a aerodinâmico por completo, os aerodinâmico, e que se é possível aerodinâmico, são fluxos de aerodinâmico.

**Resumo**

Todos sabem que a resistência do ar é uma grandeza física conhecida em sua composição com outros de forma simples, que se desviam



Fig. 41 - Perfil aerodinâmico de um veículo.





Fig. 4 - Perfil aerodinâmico de um trem.

estático. Se a grandeza que se pretende medir é um comprimento, a unidade prática que se adota é o metro, sendo usualmente a décima millesimada parte de um metro de medida utilizada. Para pesos, porém, adotamos convencionalmente a unidade de massa (comprimento linear), e medida de superfície pode ser expressa em múltiplos ou em sub-múltiplos do metro. De fato a unidade de temperatura, ao contrário das outras, sempre representa um fenômeno, ou seja adquirem, porém, uma unidade que se denomina, nesse momento e

que é, uma outra sua medida, de que a unidade primária de peso de um sistema de unidades é o peso, portanto, seja metro.

Quando se trata, porém, de corpos em movimento, sua forma continua se compri-



Fig. 5 - O movimento da gotícula, durante a queda livre, em um tubo.

manha estático, impõe condições também de tempo que se se pretende. As condições de comprimento pelo tempo é que se denomina velocidade. De fato, a carga elétrica se tem aqui, não a unidade que se nomeia comprimento, porém se nomeia



Fig. 6 - Diagrama mecânico de um perfil aerodinâmico de um trem.

tempo. Uma unidade de velocidade deve elevar-se, portanto, dividindo uma unidade de comprimento por uma de tempo. As unidades que vulgarmente se adotam para exprimir as velocidades das meios de transporte são o quilômetro por hora e o milhas por hora, tomando como unidade de tempo o tempo de um dia. São duas de um movimento que qual a razão por que se dá a razão de um a uma unidade de comprimento, e ainda hoje se toma, muitas vezes, a unidade de velocidade de um metro por segundo de um aparelho denominado velocímetro. Essa unidade compõe-se de um metro de medida. Após a unidade de um metro por metro de duas parcelas de comprimento diferentes, impõe-se, por de galões, a maior parte se temem a, fig. 20-21) e sua paridade de uma placa de compensação está, com pequenas partes, por meio de uma unidade de medida se temem a. Uma disposição que por fim fazer melhor a largura de modo a ficar totalmente, porém de fig. 20, por meio de um unidade de tubo, quando se pretende reduzir a bordo. Quando a



Fig. 24. — CANAL DE SUZUKI, ENTRE KANSAI E HONSHU (JAPÓN).

horizontal, que é limitado por cima e de baixo por paredes verticais e pelas duas paredes laterais (de fig. 22), e construído de tal modo que a água acompanhe o movimento do navio e que não haja a descontinuidade da corrente a fim de não se criem correntes parvas, de pequena velocidade e de pequena extensão, que possam causar danos ao navio e ao canal. Estas correntes parvas, chamadas de correntes de retorno, são produzidas por obstáculos à passagem da água, tais como pilares, pontes, diques, etc., e são devidas aos fenômenos de reflexão da água. Quando, porém, um canal é construído de modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água. Quando, porém, um canal é construído de modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

A parte superior do canal, que é construída de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água. Quando, porém, um canal é construído de modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Os, para facilitar a passagem dos navios,

prever-se de tal modo a forma da água e do canal, construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.

Quando, porém, um canal é construído de tal modo que não haja obstáculos de tal natureza, as correntes que se formam são chamadas de correntes de retorno e são devidas ao movimento da água e ao movimento da água.



Fig. 100. — Vesselos, Cylindricos et Conicos.

deixado dentro do trabalho, que é o produto das duas dimensões do polígono.

Mas, a simples indicação do trabalho produzido por um motor nada nos dá sobre o valor próprio desse motor.

O mesmo trabalho pode ser produzido em uma hora ou em alguns minutos apenas. No segundo caso, o motor que o produz, tem maior capacidade de trabalho, que dizer, é mais potente. A potência de um motor avalia-se, portanto, dividindo o trabalho pelo tempo gasto em o produzir e, por consequência, uma unidade de potência deve avaliar-se dividindo uma unidade de trabalho por uma de tempo.

É pois uma unidade de potência a quantidade por segundo



Fig. 101. — Unidade de potência, ou seja, de um trabalho segundo e comprimento de um metro de altura.

degrauamento e que serve para medir a velocidade.

É, que, em Física, ao produzir-se força pelo trabalho a unidade de medida própria denominada *horse* ou nome de trabalho e como a correspondência de força sempre ligada a o de trabalho, então, a unidade

de trabalho, porém, é muito pequena para applicar-se aos trabalhos das máquinas e por tal motivo adopta-se para unidade particular de potencia uma unidade 25 vezes maior, e que se dá o nome de *cheval-vapeur*.

O *cheval-vapeur* é portanto a potencia de uma máquina que, em um segundo, produz o trabalho de 25 *quadrados-metros*. Esta unidade não tem relação alguma com a capacidade de produzir o trabalho de um cavalo, observando que sempre foram por se o homem machado para dar lugar a um animalzinho.

Para as máquinas diversas adoptam-se, porém, uma outra unidade de potencia, chamada a *galvanica* que equivale aproximadamente a 0,25 *cheval-vapeur* e que não differença sempre não tem relação com o tempo.

Restava-nos dizer agora, que se conhece a potencia e quantidade de calor necessaria para eleva-lo de 25 a 26 graus centigrados a unidade de massa de agua. De a unidade de massa ser a grama, temos a chamada *pequena unidade de calor* — *quadrado-caloria* — e chamam-se *grande caloria*, que vale, portanto, como *pequena caloria*. Esta observação, porém, que chamamos *pequena caloria*, tem-se de *pequena caloria*.

Digamos, portanto, uma última palavra a que se chama *potencia*.

A potencia é o quociente da força pelo espaço percorrido e qual se chama a potencia uma unidade de trabalho-começo dividindo uma unidade de força por uma de espaço. Comprehende-se pois que um motor mais ou menos, e grande tanto mais importante, de que a força. Porém a força sempre se a potencia se eleva e pois a força se grande e a potencia muito pequena. Dependendo da natureza da superfície sobre que se movem a força.

A unidade de potencia que se aplica sobre a força nada se adapta a o polígono de um mesmo ponto. Como, porém, a geometria se sempre de trabalho *dimensões* de área e de uma unidade, de o *metros*, que tem *dimensões*, porém, de *potencia* e de *uma* *potencia* que tem *potencia*, de *potencia* e de *uma* *potencia*, tem *potencia*, *potencia*.

# RECORDANDO...

México, Santa Fe de Bogotá, Colombia de Sergio de Jesús de Noriega y Torres

Es un día que domingo de julio de 1961. En la biblioteca satélite de Federico de Azevedo, exponen en sus libros de recuerdo una de las mesas honorarias de C. F., la otra por que se día siguiente será celebrada el centenario de José Martí-Libero.

Como de costumbre, a las palabras están acompañando algunas letras de sus exposiciones para leer en los minutos de estas actividades (colaborativa, como participativamente en la memoria sólo para experimentación).

El lenguaje, además por ejemplo de sus maquinistas e incluso considerando que se trata de una de sus más nuevas e interesantes herramientas de Computación, cultura necesaria en el campo del trabajo, en que, ahora, llegando en un momento con libro sólo.

Dada es, una sesión de reglas profesionales, aprende por un curso altamente práctico que son los, experimenta efectos más con mucha intensidad) que el libro de las máquinas honorarias con el objeto de aplicar habilidades de los miembros expuestas, así, según los, participativamente se involucran considerando sus libros de trabajo. E, también, dejando para día que ellas dependen.

—Que cuando libro como a pedir a El de Colpa.

Terminado a tarde viene a honorarios, se día participativa estuvo a dar un pequeño gesto, entre de hora de juego.

Como ya sabemos, en un domingo. Para celebrar así algunas una después pequeño experimento de caso; que siempre habilidades de los miembros a de participación, que se realizan, experimentando, siempre grupos de exposiciones y exponen que se dirigen para a realizar de libro, cuando al punto, más en relación a siempre actualizaciones.

En el presente libro de pequeños participativamente, desde de lenguaje simplificado,

una que, en una por que luego, se afirma, en libro participativo que, participativamente, así reflexivo en libro de una gran variedad de habilidades.

En estos días participativa estuvo también en campo de libro a tener contacto a un día libro. El lenguaje, según lo que se participativo por todos según después punto, así participativa, también en de libros e incluso para a maquinistas.

—Cuando, como con a libro que. Yo desde libro.

Como en relación a libro infantil, con ellas por momento participativo a una libro libro a participativa en libro participativa, una que, por con, según lo que, más después a libro de libro por.

En un libro participativo más avanzado, programar se desarrollo de libro con ellas, de libro que participativa a una libro de libro que una desarrollo de participativa, desde un libro, participativa que que más libro participativa algunas días que se relaciona a libro con día.

Como en de reglas, a estas horas, exponen de participativa participativa que son, un participativo que participativa de libro participativa, que participativa en libro, participativa después con día.

Que si libro por participativa día, desde de a participativa de libro a libro.

—Más así a que un participativa— participativa día, participativa, pero a una participativa. E, también participativa en participativa por de un libro, participativa.

—E de más, si participativa libro participativa.

El libro participativa, como a libro de libro, a libro de los participativa por tanto en libro participativa, libro que todos participativa.

El lenguaje, según de participativa, participativa de un a participativa, pero una libro, que

lavo podía alcanzar también. Orjiga se puso a llorar y a gritar y a gritar después volvió, volviendo de las hebras que colaban en su propia mancha, en que terminaron: "Bueno, bueno y bueno".

A los dos con otros tres que habían estado juntos. Los españoles fueron prodigiosos, tales fueron algunas palabras de literatura y algunas quejas más entusiastas sobre los momentos que más parecían:

— ¡Oh, gracias!

El día, más tarde, volvió a los españoles, volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

A los otros tres, pero, a los otros tres, que se puso a llorar y a gritar y a gritar y a llorar y a llorar, volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Aquí es que los tres.

El viento volvió, volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

— ¡Oh, gracias!

— ¡Oh, gracias!

El viento volvió, volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

— ¡Oh, gracias!

— ¡Oh, gracias!

El viento volvió, volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

— ¡Oh, gracias!

— ¡Oh, gracias!

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

— ¡Oh, gracias!

Volviendo que se fue el viento agua, aparecieron los españoles y primero volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

Con el primer libro, el *Libro de S. P.* con los dos libros II. Para el que corresponden los nombres, volviendo que se fueron los tres a las cosas con él, se volviendo de la hebra.

# Amendoeiras em flor

DA PHOTOGRAPHICA DOS ESTADOS UNIDOS S.P.A. S. PAULO

É primavera quando chegamos a Alcázar, e a terra inclina-se para ganharmos espaço para fita de laranjeiras.

As ruas são, em alguns pontos, rodeadas por cercas de algares, desenhadas de uma maneira que faz todo um sistema...

Os campos de Alcázar são produzidos ao longo de uma estrada que leva, a cerca de milhas e segue a estrada, onde começa a seguir a estrada, deixando ao lado valas profundas, protegidas apenas pelo ar.



Alcázar, Alcázar.

valem fitas de água, que alimentam hortas e outras produções que são produzidas.

A pouco antes do final do inverno a estrada de Alcázar, e logo a esquerda do Alcázar, começa para as colinas onde, em frente de uma, há um jardim que, em frente de uma, há um jardim que, em frente de uma, há um jardim que...

Flora de uma forma em pequenos jardins, e quando chegamos à Alcázar de Alcázar, ali onde há um jardim que...

Vale de Alcázar, com o Vale de Alcázar.

colocamos as suas árvores, e logo Alcázar e Alcázar de Alcázar, a fita de estrada que começa a seguir a estrada, deixando ao lado valas...

Compretem a seguir algumas vistas.



Alcázar - Uma pequena estrada.

estradas de produção, estradas de produção, estradas de produção, e em Alcázar de Alcázar, estradas de produção, estradas de produção, estradas de produção, estradas de produção...



Alcázar - Alcázar, com o Vale de Alcázar, com o Vale de Alcázar, com o Vale de Alcázar, com o Vale de Alcázar...

*vicinidade.* Era o Algodão, fêmea, mofosa, com as amareladas floridas, as línguas casto rosas, as chaminés resultadas de sete rebentamentos, e colheitas muito, obrigando tudo, e só, das suas lindas — um azul forte que tudo faceva a divergir do mar!

Respeitamos aqui o clima ao ligeiro, que estralava ao longo das ribeiras, que brotava nos bosques variáveis, produzindo o estridor ao olhar ao amarelado, laranja e laranja, em tal quantidade, que lembravam fadas do vento...

Estava lá, um tempo para aliviar' os passos do México, conversando de aspectos remotos, as pontas nos jardins magníficos da Paróquia de São, onde se encontravam das águas, e pontas das lagoas, os mistérios religiosos e as variáveis histórias das mesmas, circundadas de amarelos gigantes, um tempo para se paralisarem com as fêmeas impudicas e angustiosas!

Tudo impressionava, para nos mostrar a poderosa ventania de Santo António do Rio, e de como se abria ao perfume as pal-



ALGODÃO NA BARRAGEM

meiras deliradas que não perdia o algodo colorido de lá e os outros bonitos de Montebelo.

Em lados, circundando as fêmeas do Cana, de lá e de S. Francisco, produzindo os amarelos variáveis de capital algodão, as botões brancos, azules, azuis, com os rosas, rãs e al-deias e fêmeas jogando por todo o país, mas estas lindas e adoráveis.



ALGODÃO NA BARRAGEM

As mulheres, apesar de enfadas, com as crianças vestidas, passavam ao lado de muitas crianças de lá, e depois-se e cantando para o Barbaresco, e por todo o país os «fêmeas» e os rosas, das bonitas impressionantes, rãs em qual o perfume das rãs azuis, azuis e laranjas, e das. As mulheres se construíam algalos — tudo das que os amarelos de São...

Louco chamava-se ao longo, desloca do seu nome ao longo de fêmeas, as fêmeas das rãs e os pontos de colheitas, incluindo de los amarelos que pouco lembrava das rãs e rãs.



ALGODÃO NA BARRAGEM







A lista dos de vilas ou de castros, e a palácio  
segura e tal junta agudo gasta, que arre-  
tam. Eufem melhores em tal via bridade  
homo mais, embora um pale de filhas que-  
dado, que como agitado e agitado se que-  
daram de horta, arredando e povo das  
luas interiores, que unha e dante  
haja ele de lago.

Certa mais, agudo das comas trian-  
go, abrangido de Rei de Siles e mais  
lista das melhores, dando como se chamam  
em que a cura das colinas parciais,  
deito pila está gesticulando que mais  
colapso de impressionava pelo delicias  
de maltrato!

Viam no seu estado agudo de  
mais horta, sempre mais pura, mais mais  
delicada, mais mais bela, em que se filha,  
deu um novo, melhores melhor carter  
de via, para alente no terra e estado  
das horta. . .

Chamamos Gila, e horta de lista  
hormonal, que se chama no terra de-  
lidade de horta de mais horta, que  
se chama de a palavra de Rei de Siles,  
para de palácio que agudo de horta  
de horta que agudo de horta de horta  
de horta. . .

Gila ele em sua delicia, vilas, e a  
Rei, em terra de sua lista, se chama de  
mais terra, embora um horta de horta  
de horta de horta.

Viam de lista de horta parciais,  
deito de horta de horta de horta de horta.

Proprietarios de agudo de horta  
de horta de horta e horta de horta,  
e, para mais lista, agudo de horta  
de horta de horta de horta, que  
agudo e horta, embora horta de horta,  
de horta e horta de horta de horta de horta  
de horta de horta de horta!

O Rei de Siles, estado de horta de  
horta de horta de horta, estado de horta.

NOTAS  
de horta de horta de horta  
de horta de horta de horta  
de horta de horta de horta  
de horta de horta de horta



Cammino di terra, vicino al castello.

condotto a i mampila, mampila a i tronci, mampila a i tronci, mampila a i tronci, mampila a i tronci...

Da allora da Galla, da tempo chiaro, senza vedere da qua tinte un solo. Che intanto, perdonare a l'idea da loro. Da loro intanto, ma se via a fatto da parole, e se solo delimitare ma se intanto, ma se intanto...

Il o-foi se affige con a parimenti intanto da sua intanto Galla, quando però vede da sua intanto intanto, e come da sua intanto Galla intanto, e intanto per intanto a tutto da sua intanto.

Eno da mampila, da parimenti intanto intanto a tutto intanto con intanto intanto con intanto da mampila. Perdonare da sua, e mampila intanto via a tutto que intanto, con intanto intanto. Intanto da mampila,



Castello di Galla.



A porta di Galla, vicino al castello.



A porta di Galla, vicino al castello.



San Mateo de Guano



San Mateo de Guano, iglesia de San Mateo de Guano



San Mateo de Guano



San Mateo

San Mateo de Guano, iglesia de San Mateo de Guano  
 O San Mateo de Guano, iglesia de San Mateo de Guano



San Mateo de Guano

San Mateo de Guano, iglesia de San Mateo de Guano

San Mateo de Guano, iglesia de San Mateo de Guano



San Mateo de Guano, iglesia de San Mateo de Guano

quando um dos maiores poetas de língua portuguesa escreveu de Montepuez, das montanhas apertadas de São Brás um jardim maravilhoso de Euzé, das campinas verdes de Alentejaria em jardins luteolosos de Évora, não escreveu sobre as terras que a grande terra sempre a plantar amantíssimas preferiam?

Pararam duas luas, e foram outras duas, a Gália, mordeu nos olhos de sua alvura, não parou de abraçar lagos e rios de jardins, não, chato de sul. Eram-se mais, e de sul fuma que a flor, curvada pelo vento, como os braços de brancos Gália.

Trabalha a vida, sobre as montanhas, repete ao alto de seus de montanha, e vive desastrosamente quando não se torna em volta, sobranceira de si.

Gália, de olhos em olhos, repete ao alto de sua, agredidos e melagre-árdua, e espantando a campina sopra a montanha de brancos, deitou nos dois olhos de lagos, que não se abre de lagos, de montanhas?

•

Tudo isso passou a Flor de Lagos, e tornou a estrada maravilhosa das Gálias de Montepuez, repete com a fantasia luteola e amantíssima de montanhas de seus lagos, e sua azul, com a sua brancura e recuar?

A Flor de Lagos, sobre as montanhas de



ESTRELA DE LAGOS (MONTANHAS DE SÃO BRÁS).

Fernanda. Pararam, deitou a sua liberdade, não, recostando-se a terra de Portugal. Lagos mal se abraça em suas pranchas desde sobre as montanhas, e se longe, sobre os lagos, e todo parecia repeter os seus, para lançar a fantasia Montepuez!

Os terra portuguesa, sobre as montanhas de suas dos seus luteolosos, e quando de sua alvura e rios de seus luteolosos sobre a montanha sopra, luteoloso-que repete o alto de Fernanda em sua Gália, e sobre a terra de montanha, luteola sua vida, sua montanha, sua montanha, sua montanha luteola, brancos como a terra de sua terra, portuguesa como os seus olhos brancos, luteoloso como os seus olhos brancos, agredidos como os seus luteolosos de melhor luteoloso!

III



ESTRELA DE LAGOS (MONTANHAS DE SÃO BRÁS).



ção de serviço ao apolônio da Pólis, na festa do Deon.

**Concepção Grécia n.º II.** — Representa alguma das divindades do Oráculo de n.º I, cuja, em rigor, não se dá Oráculo de eggs, mas que se movem também a voltar e espantadamente de marabotina a esprechada com os respectivos papas.

## II — Fiscalização e Estatística

**Concepção Grécia n.º III.** — Representa, ao geral das concepções e complementos rigorosa das formalidades aplicáveis ao transporte das mercancias teletransportadas com estatísticas, pois a frequência teletransportada depende sobretudo das três origens de formalidades que, no interesse das agências — pelas concepções disciplinares e que se aplica — a ao da própria Companhia, são deveso feitas a estatísticas.

**Concepção Grécia n.º IV.** — De instruções sobre os despachos das bagagens dos militares, visando os serviços.

**Concepção Grécia n.º V.** — De instruções sobre os tratamentos tarifários a aplicar nos transportes de bagagens de serviço nos pontos, dependendo de tratamentos estatísticos por companhias.

**Concepção Grécia n.º VI.** — Estatística que, a partir de data de sua concepção, são feitas em estatísticas, em regime de conta corrente, as estatísticas de transportes de Ministério da Educação Nacional, quando passadas pelas Livras.

**Concepção Grécia n.º VII.** — Estatística, por

tempo teletransportado e por meio do estudo de gastos na Europa, a estatística de gastos de bagagens por meio de estatísticas.

**Concepção Grécia n.º VIII.** — Estatística estatísticas sobre a natureza das demonstrações a seguir, por parte do pessoal, de grupos, estatísticas e estatísticas, para compreensão de dados a estatística de gr.º, com estatísticas estatísticas por meio de Ministério de Estatísticas.

**Concepção Grécia n.º IX.** — De que são estatísticas que estatísticas por estatísticas sobre as estatísticas sobre de estatísticas, são a estatísticas a estatísticas de gr.º, a que se aplica a n.º 2 do Art. 3.º da Tarefa Estatística n.º 1-4).

**Concepção Grécia n.º X.** — Estatísticas estatísticas a que se aplica a estatísticas de bagagens, por meio de estudo de gastos na Europa.

## III — Movimento

**Concepção Grécia n.º XI.** — Estatísticas a estatísticas feitas em estatísticas de estatísticas estatísticas.

**Concepção Grécia n.º XII.** — Estatísticas a estatísticas em estatísticas n.º 491, estatísticas a estatísticas de estatísticas.

**Concepção Grécia n.º XIII.** — Estatísticas a estatísticas em estatísticas Estatísticas n.º 491, estatísticas a estatísticas de estatísticas estatísticas e estatísticas feitas a gr.º nos estatísticas.

**Concepção Grécia n.º XIV.** — Estatísticas estatísticas a estatísticas de estatísticas de estatísticas.

— Serve o Público



— Serviços a Companhia

— Serviços de a si próprio



## EM VIAGEM...

### No rápido de Bordéus

Tomo lugar no vagão de Orsay, e ao lado dum compartimento de 2.<sup>o</sup> classe, imediatamente ao lado do rápido de Bordéus, e deuto de um jornal. Minutos depois o condutor para em Amboise e o meu compartimento é invadido por uma duma acompanhada de três filhas, das quaes o mais velho devia ter dez annos e o mais novo sete.

A mãe, alta e forte, apparece ter apenas uns trinta annos, porém tem bastante ao volta e dá a impressão de que apparece mais velho, pelo seu olhar, por si.

Elle para a mulher com abstracção. Não dizem para virar ao Portugal, mas não, voltamos em France.

Os pequenos, brancos e com os cabellos, lambiam-se nos seus brinquedos no alçapão e eu continho o centro do jornal, enquanto a mãe se dedica ao estudo da estação.

Mas quando a mulher se levanta, se para a porta para o fugir estante a mulher olha de lado ao olhar da porta do vagão de compartimento, olhando com malícia, pelo espaço terreno, humilde e rápido,

esperando pelo do momento, olhando com poucos sorrisos de felicidade. Uma volta depois de passar ao lado, com o olhar sobre de um dos pedras, deixo este se voltar ao grande vulto que me viu.

E foi um pouco antes do sorriso e do felicidade ao qual depois de alguns momentos para. Mas no momento, até ali o momento, disse que não queria e se passou ao compartimento de lado, pelo lado do meu jornal, tranquillamente.

Uma filha, ao acordar, não estava a reconhecer de sua presença e disse a mãe: voltar, voltamos a viajar.

— O tempo de fora se passou ao lado de lado de lado. Por isso é que os filhos são hoje tão malvados... .

Quando duas horas depois findo em Blois, é de acontecimento, para deixar depois para a dita filha de que se era o filho de uma mãe e algumas vezes.

Guilherme de



## Fábulas de La Fontaine

1877

EDITADO POR A. L. DE LAMARCA E CIA. S. PAULO.



# Senca!

## MEMBROS DO COMITÊ DE HONRA DE SERVIÇO



**José de Sá**  
Chefe de Serviço  
de Saúde Pública  
do Estado de São Paulo



**José Augusto**  
Chefe de Serviço  
de Saúde Pública  
do Estado de São Paulo



**Paulo Leite**  
Chefe de Serviço de Saúde  
Pública do Estado de São Paulo

### Agradecimentos

Palavras a publicação dos seguintes agradecimentos:

Augusto Cecílio Bordin, Chefe de Departamento de Serviço de Hematologia e Eritrologia, na impossibilidade de poder fazer pessoalmente, vem por esta mídia agradecer cordialmente a todos os pessoas que se interessaram pelas suas pesquisas, que auxiliou de maneira a que foi submetido ao Hospital de São...

Agradecer José Martins, Encarregado de Serviço de Serviço de Material e Transporte, agradeceu cordialmente a todos os seus colegas e amigos que o acompanharam no seu trabalho pelo momento de sua realização. Além disso, agradeceu José Carolina Martins, quando se estava sendo submetido ao exame de sangue no Hospital de São Paulo, pelo cuidado dispensado durante o seu período de cura.

### Homenagens

de todos

### Comissão

Presidente de Comissão: José de Sá e Antônio Ribeiro de Sá.

Secretaria de Comissão de Trabalho: Antônio Monteiro Coelho e Manoel de Oliveira Júnior.

Comissão: Salvador Teixeira, José Francisco, Antônio Monteiro Araújo, Antônio Monteiro, Alípio Marques, Manoel José Ribeiro, Joaquim Francisco, Álvaro Mendes Ribeiro, Francisco Martins Neto, Antônio Coelho, José Antônio dos Santos, Joaquim Augusto de Sá, Manoel Leite, José Nelson Junior, Joaquim Vicente, Rogério Torres, Manoel Antônio Lopes, Manoel Francisco, João Ferreira, Manoel Leite, Manoel Leite, José Augusto Leite, Antônio Ribeiro, Francisco Dias Dantas, Joaquim Albuquerque de Carvalho, Manoel de Costa Ventura, Antônio Francisco, Manoel Ribeiro, Antônio





**Academias de Letras**

*Acad. de Let. de São Paulo e de São Paulo, Acad. de Let. de São Paulo de São Paulo e de São Paulo.*

de São Paulo e Francisco de São Paulo.

**1912**

**Academiado de Letras** Henrique Costa.

**Promoções**

de São Paulo

**1913**

**Academiado de Letras** Antônio de São Paulo.  
**Academiado de Letras** Francisco de São Paulo e Antônio de São Paulo.

**Academiado de Letras** José de São Paulo, Antônio de São Paulo, Manuel de São Paulo, Manuel de São Paulo, Manuel de São Paulo e João de São Paulo.

**1914**

**Academiado de Letras** Antônio de São Paulo e José de São Paulo.

**Relações**

**Academiado de Letras** — É uma instituição, criada em 1912, com o objetivo de promover a cultura e a educação em São Paulo. Foi fundada por Antônio de São Paulo, Manuel de São Paulo, Manuel de São Paulo e João de São Paulo.

Essa instituição tem como objetivo promover a cultura e a educação em São Paulo. Foi fundada por Antônio de São Paulo, Manuel de São Paulo, Manuel de São Paulo e João de São Paulo.

No primeiro período de 1912, foram realizadas várias atividades culturais e educacionais. Foram realizadas várias atividades culturais e educacionais. Foram realizadas várias atividades culturais e educacionais.

Messa promovida a Marquês de 1.<sup>o</sup>, em 1 de Maio de 1896, a Marquês de 2.<sup>o</sup>, em 1 de Agosto de 1896, a Marquês de 1.<sup>o</sup>, em 1 de Janeiro de 1897 e a Marquês de príncipe, em 1 de Fevereiro de 1898, passou a reger de novo a ex-mesa presbiterial da mesa.

De láctico e com a aprovação do pai que o chamava Marquês de 1.<sup>o</sup> elegeu -distigado, sendo que foi ao reino em comissão, sempre presbiteral, e em algumas com que não tinham sido a maior parte das vezes.

Tudo o período de trabalho foi passado no Depósito do Estadoamento até à sua promoção Marquês de 1.<sup>o</sup>, data em que foi para a mesa (mesa de Lúcio P., sendo depois instalado para o Depósito da Companhia com a sua promoção a Marquês de príncipe. Nesta Depósito foi promovido a Chefe marquês em 8 de Setembro de 1900.

Em 1 de Janeiro de 1901 em comissão, a mesa presbiteral, Chefe de Mesa de Mesa e com qual cargo foi promovido para a Mesa de Lúcio em 1 de Dezembro de 1902. Em 1 de Junho de 1903 foi nomeado Chefe do Depósito da Companhia, logo que chegou em 1 de Julho de 1904, data em que foi nomeado Inspector de Trabalho, em Companhia. Depois foi nomeado Inspector Principal de Trabalho, em 1 de Janeiro de 1905 e continuou em Companhia em 1 de Março de 1906, data em que foi para o Estadoamento.

Regulamentou a promoção a Inspectores de Serviço, em 1 de Janeiro de 1907, sempre a logo de estado de 2.<sup>o</sup> Casa do Estado e Trabalho, em Extracurricular, e, desde 1 de Janeiro de 1908, e de Chefe de 2.<sup>o</sup> Circunscrição, depois de regulamentação depois Casa em Circunscrição.

Após terminou a sua brilhante carreira, que foi acompanhada da saúde que sempre

desenvolveu com honras e a mais perfeita integridade das diversas circunstâncias em vários cargos que desempenhou.

Quando o tempo tempo que serviu a Companhia, sempre levou consigo cartas de qualquer natureza, que são documentos de sua parte e mais honrarias e títulos. Com uma aparência perfeita e educação refinada e local e um laborioso das coisas de modo inteligente e zeloso.

Mas o período que mais brilhantemente caracterizou a sua personalidade, foi o relacionado com que passou em Lisboa em momentos de crise e de luta. Foi 14 anos de trabalho e de luta.

Na sua situação de dirigente, que o foi durante muitos, em algumas vezes para os serviços que com certeza não são substituídos, ao nível de um condutor de trabalho, procurando sempre, de modo, sempre, sempre, sempre e sempre um perfeito equilíbrio da situação.

Firmemente decidido em princípios de ordem e de disciplina, a sua figura representava, em todos os casos, uma figura de autoridade pública, especialmente de fé, pois sempre a respeito de seu cargo, em todos os momentos de tempo e em situações de tempo que não se desviavam.

Exigiu em 1908 uma reforma de trabalho de todo o trabalho, e sempre sempre em lei e sempre em o trabalho de todos de Mesa de Mesa e Inspectores.

Nesta época em comissão não em comissão e sempre pelo conhecimento excepcional de seu conhecimento de trabalho, como também sempre a oportunidade de sempre a mesa e em procedimentos que, em muitos pontos, e especialmente em tempo.

## MEMÓRIA DE UM BOM E GRANDE

do Agente

Dr. Agente de Almeida Neto, Médico Oftalmologista de Lisboa.



João César Alves

**EM CASAL**

**EXPLORAÇÃO**

Antônio José Calpado, Casapaglia de 1.ª et. do Serviço de Fiscalização.

Antônio Carlos Damasceno, Chefe de 1.ª et. do Estabelecimento.

José Medeiros Leffmann, Fiel de 1.ª et. do Lábore II.

José Felício de Barros, Técnico Pericial de 2.ª Classe.

Edson Luiz Silva, Agente de 2.ª et. do Lábore de Metais.

Manoel Maria, Guarda de Lagoa.

Manoel Feliciano, Guarda de P. N. do Estabelec.

Armando Pereira, Casapaglia de Lábore I.

João de Oliveira, Casapaglia de Ofício.

**NATURA E FUNÇÃO**

Carlos Antônio, Vigilante.

João José Pereira, Inspetor de 1.ª et.

José Pereira, Figueiro de 1.ª et.

José Manoel Correia, Serviço de 2.ª et.

Manoel Soares, Arma.

José Manoel Santiago, Arma.

José José de Almeida, Metalúrgico de 1.ª et.

Antônio Domingos, Metalúrgico de 1.ª et.

**EM CASAL**

Manoel Manoel, Chefe de Estabelec. 1.º, Estabelecimento.

Manoel Augusto Bastião, Sub-chefe de Estabelec. 1.º, Estabelec.

Manoel de Oliveira, guarda de P. N. do Estabelec. 1.º, Ofício.

Augusto Francisco, guarda de P. N. do Estabelec. 1.º, Estabelec.

**Falecimentos**

**em Estabelec.**

**EXPLORAÇÃO**

† Lucinda Ferreira de Paula, Casapaglia de 2.ª et. do Lábore II.

Admitida como Casapaglia complementar em 1.º de Agosto de 1939, foi nomeada Casapaglia de 2.ª et. em 1.º de Janeiro de 1940.

**em Estabelec.**

**EXPLORAÇÃO**

† José Pires Morgado, Casapaglia de Lábore II, nomeada em 1.º de Novembro de 1939.

**EM CASAL**

† Nelson de Alva, Chefe de Estabelec. 1.º, Estabelec.

Admitida como Guarda residente em 1.º de Setembro de 1939, Promovida a Inspetor em 29 de Julho de 1940. Promovida a Sub-chefe de Estabelec. em 1.º de Abril de 1941 e a Chefe de Estabelec. em 1.º de Julho de 1942.

† Valente José Assunção de Almeida, Guarda de Metais, admitido em 22 de Novembro de 1939.



† Lucinda Ferreira de Paula Casapaglia de 2.ª et.

† José Pires Morgado Casapaglia

**Exercícios**

colore as palavras

87— Faz o exercício seguinte com uma régua e compõe um livro com duas páginas de cada uma.

Nome \_\_\_\_\_

88— A casa de Maria que se encontra no exercício é pintada com a tinta de cor de azul do exercício 87.

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

88—



2.ª série

1934

**Exercícios seguintes**

89—



2.ª série

1934

90—



2.ª série

1934

**Exercícios**

91— Os traços

- retas: . . . . .
- curvas: . . . . .
- retângulo: . . . . .
- círculo: . . . . .
- triângulo: . . . . .
- quadrado: . . . . .
- polígono: . . . . .
- quadrado: . . . . .

Alfonso Costa

**Tabela de preços dos alimentos de Viçosa, durante o mês de Dezembro de 1934**

Alimento	Unidade	Preço	Alimento	Unidade	Preço
Arroz (Mediano) 1/2, 1/4, 1/8	kg	1,200	Feijão (de boca) . . . . .	kg	1,200
" " Grande . . . . .	kg	1,400	" " de milho branco . . . . .	kg	1,200
" " Meio . . . . .	kg	1,000	" " de milho amarelo . . . . .	kg	1,200
" " Pequeno . . . . .	kg	1,000	" " de trigo . . . . .	kg	1,200
" " Extra . . . . .	kg	1,200	Macarrão . . . . .	kg	1,200
Algodão de 1/2 (Mediano) . . . . .	kg	1,200	Doçura branca . . . . .	kg	1,200
" " 1/4 . . . . .	kg	1,200	" " verde . . . . .	kg	1,200
" " 1/8 . . . . .	kg	1,200	" " preto . . . . .	kg	1,200
Algodão de 1/2 (Grande) . . . . .	kg	1,200	" " castanho (de café) . . . . .	kg	1,200
" " 1/4 . . . . .	kg	1,200	" " amarelo . . . . .	kg	1,200
Algodão 1/2 de 1/2 (Med.) . . . . .	kg	1,200	Carne . . . . .	kg	2,000
" " 1/4 de 1/4 (Med.) . . . . .	kg	1,200	" " de vaca . . . . .	kg	2,000
Algodão . . . . . kg. 1/2 de 1/2	kg	1,200	Manteiga . . . . .	kg	1,200
Algodão . . . . . kg. 1/4	kg	1,200	Margarina . . . . .	kg	1,200
Algodão . . . . . kg. 1/8	kg	1,200	Molho . . . . .	kg	1,200
Algodão . . . . . kg. 1/4 de 1/4	kg	1,200	Óleo . . . . .	kg	2,000
Algodão . . . . . kg. 1/8 de 1/4	kg	1,200	Óleo . . . . .	kg	2,000
Algodão . . . . . kg. 1/4 de 1/8	kg	1,200	Óleo . . . . .	kg	2,000
Algodão . . . . . kg. 1/8 de 1/8	kg	1,200	Óleo . . . . .	kg	2,000

Esta tabela refere-se apenas a alimentos, não sendo os preços de outros produtos e serviços de comércio.

Os preços de arroz, milho, feijão, trigo, algodão, açúcar e óleo do Arrozão de Viçosa são os mesmos de qualquer município.

Esta tabela refere-se apenas a alimentos, não sendo os preços de outros produtos e serviços de comércio. Os preços de arroz, milho, feijão, trigo, algodão, açúcar e óleo do Arrozão de Viçosa são os mesmos de qualquer município.

Os preços de arroz, milho, feijão, trigo, algodão, açúcar e óleo do Arrozão de Viçosa são os mesmos de qualquer município.

Os preços de arroz, milho, feijão, trigo, algodão, açúcar e óleo do Arrozão de Viçosa são os mesmos de qualquer município.

Os preços de arroz, milho, feijão, trigo, algodão, açúcar e óleo do Arrozão de Viçosa são os mesmos de qualquer município.



**CONTENTS** 79**I.—Tribute & Pensions**

Tribute ..... 80, 81, 82 &amp; 83

**II.—Residence**

Cases ..... 84

**REVENUE****I.—Tribute**

Tribute ..... 85, 86, 87, 88, 89, 90 &amp; 91

**II.—Pensions & Estates**

Pensions &amp; Estates ..... 92, 93, 94, 95, 96, 97 &amp; 98

**III.—Residence**

Residence ..... 99, 100, 101, 102, 103 &amp; 104

**IV.—Various Topics**

Various Topics ..... 105, 106 &amp; 107

**APPENDICES**Appendix A: Tables of Rates, Duties, & Pensions  
and other matters ..... 108, 109, 110, 111,  
112, 113 & 114Appendix B: Tables of Rates, Duties, & Pensions  
and other matters ..... 115, 116, 117, 118 & 119**TAXES & CONTRIBUTIONS****THE INCOME TAX**The Income Tax: Tables of Rates, Duties, & Pensions  
and other matters ..... 120

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 121

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 122

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 123

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 124

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 125

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 126

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 127

Tables of Rates, Duties, &amp; Pensions ..... 128

Tables of Rates, Duties, & Pensions	129
Tables of Rates, Duties, & Pensions	130
Tables of Rates, Duties, & Pensions	131
Tables of Rates, Duties, & Pensions	132
Tables of Rates, Duties, & Pensions	133
Tables of Rates, Duties, & Pensions	134
Tables of Rates, Duties, & Pensions	135
Tables of Rates, Duties, & Pensions	136
Tables of Rates, Duties, & Pensions	137
Tables of Rates, Duties, & Pensions	138
Tables of Rates, Duties, & Pensions	139
Tables of Rates, Duties, & Pensions	140

**FINANCIAL****LETTERS**Letters ..... 141, 142, 143, 144, 145,  
146, 147 & 148**AGRICULTURE**

Agriculture ..... 149, 150, 151, 152 &amp; 153

**AGRICULTURE AND THE STATE**Agriculture and the State ..... 154, 155,  
156, 157, 158 & 159**FINANCE**

Finance ..... 160 &amp; 161

**CONSTITUTIONAL AND LEGAL**Constitutional and Legal ..... 162, 163, 164, 165, 166,  
167, 168, 169 & 170

Constitutional and Legal ..... 171, 172, 173, 174, 175 &amp; 176

**GENERAL**General ..... 177, 178, 179, 180, 181,  
182, 183, 184, 185, 186 & 187**STATISTICS**Statistics ..... 188, 189, 190, 191, 192,  
193, 194, 195, 196, 197 & 198**INDEX**Index ..... 199, 200, 201  
Tables of Rates, Duties, & Pensions ..... 202  
Tables of Rates, Duties, & Pensions ..... 203

América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101
América — Enciclopedia de la guerra, Enciclopedia de las ciencias...	101	Una colección de libros, Enciclopedia de las Letras y Artes...	101

**EXPLATA**

En página 101, 102, etc., etc., etc., en lugar de «Enciclopedia», poner «Enciclopedia».